

MESA REDONDA

TERAPIA OCUPACIONAL: CIÊNCIA DA ATIVIDADE HUMANA

APRESENTAÇÃO

Neste número trazemos a publicação da mesa redonda apresentada durante a abertura da IX Semana de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos em outubro de 1994. Esse evento, promovido conjuntamente pelo Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Centrinho da Terapia Ocupacional - UFSCar e coordenado pela Profa. Rosana Salvador Rossit possibilitou uma série de reflexões cuja atualidade do tema e as importantes contribuições de diferentes profissionais motivou-nos a viabilizar sua divulgação através dos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. As comunicações que vieram enriquecer este número, mantendo os contornos da forma da comunicação oral, são contribuições das terapeutas ocupacionais Marília Caníglio, Fábio Bruno de Carvalho e Roseli Esquerdo Lopes, reunidos através da Mesa Redonda: "Terapia Ocupacional: ciência da atividade humana".

Marília Caníglia

Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais

A Terapia Ocupacional tem vivido um momento de organização do seu corpo de conhecimento e de grandes questionamentos. Uma profissão tradicionalmente considerada técnica, vem apresentada neste evento como ciência. Temos sim, cada vez mais, que nos preocupar com a produção e a sistematização do conhecimento na Terapia Ocupacional.

Trago aqui, cinco pontos para reflexão, para pensarmos num avanço técnico-científico da profissão.

O primeiro deles se refere a **caracterização** da Terapia Ocupacional. Já nos primórdios da história da filosofia da ciência, Aristóteles na Antiguidade Grega, se preocupa com a questão da caracterização para a formulação dos princípios da ciência. A pergunta: "O que é Terapia Ocupacional?" é a mesma de "O que caracteriza a Terapia Ocupacional?".

Tenho refletido em outros trabalhos a questão de definição da Terapia Ocupacional. Uma profissão que vem sendo definida pelos meios de que trata, ou seja, pelos métodos e técnicas de que utiliza. O que caracteriza uma profissão e o que lhe dá a especificidade é o fim a que se propõe atingir, os meios (ou metodologia) são conseqüentes ao fim. O

fim é o objeto, é o alvo a ser atingido e apresenta aqui o sentido de produto ou fruto do nosso trabalho e da nossa competência. O objeto se relaciona ao paradigma profissional, que segundo Kielhofner e Burke, baseados no Modelo Historiográfico de Paradigmas de Thomas Kuhn, este paradigma profissional sofreu as seguintes mudanças: no período de pré-paradigma o enfoque era o **ambiente**, no período de paradigma o enfoque era a **ocupação**, no período de reducionismo o enfoque era a **patologia** (ou o sintoma) e no período de retorno ao paradigma o enfoque é o **ser ocupacional**. Ou seja, o paradigma profissional e o objeto de estudo hoje é o homem. Resta-nos saber elucidar e melhor caracterizar esse homem: o ser ocupacional (Kielhofner & Burke, 1977) ou o ser prático (Caníglia, 1991).

O segundo ponto que eu coloco aqui é a questão do **conhecimento**: da produção e sistematização do conhecimento na Terapia Ocupacional. Dentro disso, penso primeiramente na produção científica universal. E a minha pergunta é: estamos acompanhando, estamos lendo, estamos atualizados nessa produção? E na nossa produção nacional, estamos fazendo o mesmo? E um outro ponto, ainda dentro da questão do conhecimento diz respeito a conceitos, pois uma ciência se faz com

conceitos onde estes são o cerne das teorias. É na formulação de conceitos que acredito alcançarmos uma linguagem mais universal. E é na aquisição da linguagem do senso crítico que avançaremos ao contexto científico.

O terceiro ponto se refere à **metodologia** onde eu incluo aqui: os **modelos teóricos**, os **métodos avaliativos** e os **recursos terapêuticos**. Acreditando que é na adequada utilização e sistematização da metodologia na prática profissional que advirá a eficácia dos resultados esperados, faz-se necessário refletir sobre essa eficiência da metodologia utilizada em Terapia Ocupacional. Neste sentido Medeiros (1989) escreve: "observa-se que, se por um lado, as tendências tem se alterado conforme as direções tomadas pelas diferentes concepções teóricas e ideológicas de seu conhecimento básico, por outro, o profissional-prático nem sempre percebe tal diferenciação, utilizando-se, muitas vezes, de várias técnicas indistinta e concomitantemente". Também referindo-se à metodologia na Terapia Ocupacional Ferrigno (1991) relata: "... os métodos de tratamento parecem mostrar-se incompletos e inadequados para dar conta de uma intervenção não compartimentalizada e que atenda às necessidades dos clientes. Desta forma é preciso fragmentar a intervenção conforme os diferentes modelos terapêuticos que se apresentam hoje, e a dificuldade de integração dos tratamentos é constatada por todos: terapeutas e clientes". Ainda com relação à questão da metodologia Galheigo (1988), referindo-se a possíveis causas do desconhecimento da profissão, escreve: O Terapeuta

Ocupacional "... é responsável pelo espontaneísmo técnico que se verifica ainda em algumas práticas terapêuticas ocupacionais. A conquista de seu espaço profissional e a ruptura com modelos historicamente cristalizados têm sido dificultadas. Dentre outros motivos apontamos a falta de segurança em suas propostas metodológicas e sua formação teórica insuficiente associadas às dificuldades com que contextualiza ideologicamente sua prática".

Faz-se necessário que equacionemos com mais rigor a articulação dos modelos teóricos adequados, com os métodos avaliativos (sejam eles qualitativos ou quantitativos), com os recursos terapêuticos utilizados, e que a pesquisa não se restrinja aos meios acadêmicos, para que tenhamos maior segurança na prática profissional.

O quarto ponto que eu trago aqui se refere à questão da **etimologia** relativo ao termo **terapia ocupacional**. Venho questionando se esse termo reflete realmente o que somos e o que fazemos. A questão da mudança do nome da profissão já foi levantada em outros países. Defendo que devemos ser reconhecidos ou identificados pelo que somos e fazemos. O termo **praxiterapia** parece traduzir-nos mais fielmente pois nossa assistência, nosso atendimento é **pela** (meio) e **para** (fim) a práxis. No entanto, o termo **praxiologia** é o mais adequado para a **ciência da atividade humana**, é um termo da filosofia mas que pode advir da nossa prática e da nossa produção teórica.

E finalmente o quinto ponto se refere à ética no que tange à questão da **competência**. E a

pergunta que eu levanto aqui é: o que compete especificamente ao terapeuta ocupacional? Tenho lido e ouvido frequentemente que tratamos o ser biopsicossocial. Mas o que é tratar o ser biopsicossocial? Alguma categoria profissional sozinha consegue isso? E na tentativa de tratarmos o ser biopsicossocial não estaríamos sendo amplos e superficiais demais? Não seria mais adequado optarmos pela forma da especificidade preservando a visão holística? Ou seja, enfocando o ser ocupacional ou o ser prático considerando-o biopsicossocialmente e favorecendo a transdisciplinalidade? É necessário respeitar as fronteiras do exercício profissional dos demais profissionais sem querer dizer com isso delimitar as fronteiras do conhecimento, ao contrário, o conhecimento não tem fronteiras, ele é da e para a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANÍGLIA, M. - **Rumo ao objeto da terapia ocupacional**. Belo Horizonte, Ed. Cuatiara, 1991.

FERRIGNO, I. S. V. - **Terapia ocupacional: considerações sobre o contexto profissional**. *Revista de Terapia Ocupacional*. USP, São Paulo, 2 (1), 1991.

GALHEIGO, S. M. - **Terapia ocupacional, a produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar - em busca de um depoimento coletivo**. Campinas, UNICAMP, 1988 (dissertação).

KIELHOFNER, G. - **Conceptual foundations of occupational therapy**. Philadelphia: F. A. Davis Company, 1992.

KIELHOFNER, G. & BURKE, J. P. - **A Terapia ocupacional após 60 anos**. *American Journal of Occupational Therapy*. Rockville, 31 (10): 675-89, nov-dez, 1977.

MEDEIROS, M. H. R. - **A Terapia ocupacional como um saber: uma abordagem epistemológica e social**. Campinas, PUCCAMP, 1989 (dissertação).

Fábio Bruno de Carvalho

Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica

Discutir a terapia ocupacional como a ciência da atividade humana é uma proposta que nos coloca frente a frente com a epistemologia, ou seja, devemos discutir, qual tipo de ciência é a terapia ocupacional.

A partir deste entendimento é necessário seguirmos uma determinada classificação em ciências. A orientação que temos seguido em nossos estudos é aquela oferecida pelo professor Rezende, a qual, nos tem permitido fazermos uma aproximação da terapia ocupacional com algumas formas de fazer ciência.

"Na verdade, a filosofia das ciências nos ensina que há três grandes tipos de ciências. As formais, as empírico-formais e as humanas, também chamadas hermenêuticas." (Rezende, 1987)

A possibilidade de existir uma terapia ocupacional formal nos parece remota e não sabemos de teorias que tenham sido desenvolvidas por terapeutas ocupacionais com tal finalidade. A dificuldade que temos para desenvolvermos esta concepção decorre exatamente da característica principal das ciências formais, qual seja, a ausência

do concreto. Falar das ciências formais é falar do abstrato, da estrutura e da forma.

A matemática é o paradigma das ciências formais. Na matemática, o que existe são relações entre termos determinados pelas operações de somar, diminuir, multiplicar, etc... Se nós entendermos estas condições em uma ciência, como a matemática, é quase impossível errar.

Assim, o que é fundamental para as ciências formais, é o raciocínio lógico, a racionalidade e o que se busca é a coerência, não há necessidade da corporeidade ou da existência. É o estruturalismo, enquanto filosofia, quem garante estes pressupostos e sobre o estruturalismo Rezende referindo-se a Ricoeur nos diz: "Nas estruturas, há apenas relações, não há coisas, não há termos, não há sujeitos" (Rezende, 1990).

Está aí a dificuldade para termos uma terapia ocupacional formal "... não há sujeitos".

A verdade é que existem dificuldades epistemológicas para caracterizarmos a terapia ocupacional como ciência formal. Lacan talvez seja um caminho. Entretanto, por outro lado, quando investigamos a existência da terapia ocupacional empírico-formal estas dificuldades quase que desaparecem.

Nas ciências empírico-formais permanecem a forma, a estrutura e as relações, mas acrescenta-se por conta do empírico a experiência, a matéria, o corpo, a dinâmica e o movimento. A física é o melhor exemplo de ciência empírico-formal, como o são também, a biologia e a química.

O critério que se utiliza para caracterizar a ciência empírico-formal é a realidade. Além deste critério há "... nas ciências empírico-formais um conceito operacional chave: o conceito de processo" (Rezende, 1987). Conceito este que está ligado a questão da temporalidade, com o acontecer no tempo.

Assim, para que haja conhecimento nas ciências empírico-formais é necessário que haja o critério de realidade e o seu acontecer se dê no tempo, ou seja, em processo, e relativamente às condições que são dadas.

A maioria dos manuais de terapia ocupacional nos propõe este tipo de ciência, pois existe uma terapia ocupacional que observa, que quantifica, que faz medidas, que avalia e que trata comportamentos e lesões físicas. Esta seria a terapia ocupacional descrita em 1990, por Pinto, como positivista.

Mas a ciência empírico-formal é também movimento, transformação e dialética e com estas características é possível também encontrarmos sua representação na terapia ocupacional, ou seja, a terapia ocupacional materialista-histórica, também já mostrada por Pinto.

Nesta concepção a terapia ocupacional está preocupada em criar uma praxis coletiva, não corporativista, interdisciplinar e que se preocupa em fazer a revisão dos modelos de intervenção até então adotados, principalmente nas instituições de saúde mental.

Descrito desta maneira é fácil reconhecermos a existência da terapia ocupacional empírico-formal. As análises do desenvolvimento recente da profissão mostram-nos com clareza a sua ligação com as ciências biológicas e o modelo médico, entretanto, esta condição não nos impede de buscarmos outras referências científicas para a terapia ocupacional.

Engelhart em um artigo de 1977, já nos mostrava a perspectiva para pensarmos a terapia ocupacional como ciência humana. "A terapia ocupacional é de fato espantosamente holística. Em virtude de seu objeto ser a realização dos pacientes em e através da função, ela tende a colocar ênfase especial sobre as considerações da pessoa como um todo - ela recorre a valores humanos amplos e básicos de atividade e engajamento na realidade. A terapia ocupacional é, neste sentido, um projeto essencialmente humanístico - ela coloca seu enfoque na consecução do valor através da atividade humana" (Engelhart, 1977).

Kielhofner, em suas críticas aos modelos científicos da terapia ocupacional, aos quais denominou de reducionistas, identificava-os como modelos incapazes de dar conta das necessidades humanas. Estes dois autores mostraram claramente uma preocupação em reconhecer e afirmar que a

terapia ocupacional tem uma contribuição importante para o conhecimento do que é ser humano.

De nossa parte nós acreditamos neste pressuposto, e o que estamos procurando compreender e destacar como fundamento para uma terapia ocupacional humanista é o conceito de símbolo. Conceito este, que é a pista que nos permite o conhecimento do que são as ciências humanas.

"Qual é o paradigma dessas ciências? (Humanas). Difícil dizer. Talvez por afinidade etimológica, a gente fosse levado a falar da antropologia e, no seu prolongamento das ciências da linguagem. E qual o seu critério de cientificidade? A criticidade. Isto porque estamos lidando com o fenômeno humano que, como tal, é polissêmico. Ele não tem a pureza da estrutura matemática, nem a objetividade do dado empírico-formal. E isto, precisamente, porque nas ciências humanas há uma coincidência entre o objeto e o sujeito do saber." (Rezende, 1987)

A criticidade das ciências humanas leva a dúvida, a incerteza e coloca em cheque a verdade única em ciência.

O fenômeno polissêmico que está presente nas ciências humanas, mostra-nos mais de uma verdade, oferece-nos vários sentidos e acrescenta a necessidade de interpretação. É exatamente neste lugar que encontramos o símbolo. Assim qual a verdade científica contida nas ciências humanas? Não será nem a coerência das ciências formais, nem a correspondência ao real dado pelas ciências

empírico-formais, mas a verdade encontrada no consenso.

Desta forma ao aproximarmos a terapia ocupacional às ciências humanas colocamos a tona a necessidade de um conhecimento ligado ao simbólico, a interpretação e a validação consensual. Além disto, devemos entender que esta aproximação significa saltarmos mais a frente dos conhecimentos explicativos, obtidos via os fatos da natureza para aportarmos nos conhecimentos dados pela compreensão dos fatos humanos, ou melhor dizendo, dos fazeres humanos ou das atividades humanas.

"Um evento concreto da história ou uma obra de arte como a Pietá de Miguel Angelo, o Fausto de Goeth ou uma sinfonia de Beethoven - nunca podem ser explicados adequadamente, ou seja, por uma retração causal a causas a que a obra devesse a sua origem. Ainda que fossem conhecidas todas as causas, cujo concurso tivesse produzido este efeito, nem por isso estaria de maneira alguma apreendido o seu conteúdo de sentido e de valor. Contudo semelhante obra pode ser "compreendida", abrindo-se em seu conteúdo de sentido, em seu valor artístico e em sua força espiritual de expressão." (Coreth, 1973)

Concluindo, podemos dizer que toda atividade humana, dentro do contexto da teoria do conhecimento, tem um caráter simbólico que acaba por incluir o abstrato, o concreto e uma série de construções significativamente humanas possíveis de serem interpretadas, as quais, por sua vez, nesta direção, nos permitem uma compreensão sempre mais ampla do homem que a realiza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. Editora Pedagógica de São Paulo, São Paulo, SP, 1973.

ENGELHART, H. Tristram. Defing occupational therapy: the meaning of therapy and the virtues of occupation. **The American Journal of Occupational Therapy**, New York, v.31, Nº. 10, p.666-672,1977.

PINTO, J. Mesquita. **As Correntes metodológicas em terapia ocupacional no Estado de São Paulo (1970 - 1985)**, dissertação de mestrado, UFSCar, 1990.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Psicanálise e filosofia das ciências: A questão da verdade**. Ide, São Paulo, v.14, p.21-24, 1987.

Roseli Esquerdo Lopes

Docente da Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal São Carlos

Foi-nos colocado um tema para discutirmos aqui a respeito da ciência, da terapia ocupacional e da atividade humana; poderíamos nos deter em cada um desses itens, em seus múltiplos aspectos e tecer inúmeras considerações.

Gostaria de colocar-me a respeito com muita clareza. Não entendo a terapia ocupacional como uma ciência e nem penso que exista uma ciência da atividade humana. Isto, entretanto, é necessário que se observe, não embute nenhuma visão que reduza, ou não considere, o conhecimento e o saber produzido por aqueles que se envolvem com as ações terapêutico ocupacionais - nós, aqui presentes, terapeutas ocupacionais, professores e alunos de terapia ocupacional, pesquisadores da área, assim como os usuários dos serviços de terapia ocupacional e seus familiares.

Presente a uma conferência na Universidade de São Paulo, há cerca de dois anos, pude compartilhar com outros colegas a elaboração da Profa. Eda Tassara, acerca da questão das ciências e das tecnologias, que acho oportuno recolocar aqui.

Segundo a referida professora, a terapia ocupacional seria uma tecnologia; onde tecnologia não tem um status diferente da ciência, do ponto de vista dos valores ou das verdades que possa gerar e,

também, não significa que a terapia ocupacional não faça uso da ciência para defender aquelas práticas dentro das quais ela vai atuar.

A ciência é uma forma de conhecer, um tipo específico de conhecimento, não é o conhecimento.

A ciência moderna, dos séculos XVI e XVII, é, ela também, uma forma específica de conhecimento, estruturada sobre um método que se apoia na repetição dos fenômenos, gerada ela mesma por uma determinada cultura, cultura entendida como a teia de significados que os grupos humanos estabelecem nas suas relações entre si e com a natureza. As origens dessa ciência estão no pensamento clássico, mas é só nos séculos XVI e XVII que a humanidade começa a ter condições materiais de apropriar-se de um saber que iria transformar o mundo em que vivia.

A partir da possibilidade concreta dos príncipes e cardeais verem as luas de Júpiter, através da luneta de Galileu e não só através dos apontamentos de Giordano Bruno e assim não poderem mais negar fatos comprovados, poder-se-ia enfrentar as premissas medievais acerca da natureza das coisas e dos homens. E a Terra que se move...; não é o centro de um mundo estático e pré-determinado por razões celestiais - esse mundo se

move e pode ser construído e transformado pelas razões humanas.

E a partir dos conhecimentos então produzidos e na sua transformação em bens materiais pela burguesia nascente que a ciência e a técnica se associam de forma ímpar e vão, no século XIX, possibilitar a Revolução Industrial. O paradigma então não mais é a ciência da abstração, atemporal, da especulação pura, mas a ciência da intervenção, das máquinas e ferramentas, da ação sobre o mundo, ainda que depois, no final do século XX, venhamos questionar as vantagens dessa ação humana, determinada pelos interesses de uma classe social específica, sobre o planeta, sobre a natureza e sobre os outros homens.

Durante o processo civilizatório ou mesmo nas civilizações míticas, houve a criação de instrumentos técnicos. Os instrumentos técnicos ou técnicas, segundo a Profa. Eda Tassara, existem toda vez que se tem um conjunto de procedimentos estabelecidos numa cultura com o objetivo de produzir um fim prático. Se tivermos um problema prático e para atuar sobre esse problema, desenvolvermos procedimentos, teremos uma técnica.

A ciência no seu surgimento é na sua essência especulativa, não está condicionada pela problemática da realidade, não está preocupada em realizar transformações, alterações; e quando a ciência encontra a realidade, como no século XIX, ela se torna técnica, não no mesmo instante, mas se toma do ponto de vista intelectual, porque o

indivíduo vai construir o conhecimento; ele necessariamente está vendo os objetivos práticos desse conhecimento. Daí a se criar a necessidade associada a essa projeção no futuro, a essa transformação do presente, a essa possibilidade de se integrar técnica a ciência, surge a ciência das técnicas e a ciência das técnicas é uma tecnologia.

Se as técnicas não têm origem na história, elas são tradicionais; se elas têm um momento histórico definido elas provavelmente são técnicas inteligentes na medida em que fazem parte de uma memória cultural que não é exclusivamente a reprodução de um ritual diante de uma possibilidade de atuação na realidade, memória essa que já é uma atividade intelectual e essa atividade intelectual seria uma técnica inteligente.

Uma técnica inteligente pode ser empírica, do tipo ensaio e erro; pode não ter um fundamento científico ou pode tê-lo a posteriori; pode ter a priori uma fundamentação científica, isto é, quando os instrumentos utilizados para construir seus procedimentos derivam do conhecimento científico.

A terapia ocupacional é uma tecnologia, ou um conjunto de técnicas, que faz uso de ciências e conhecimentos científicos para atuar em uma determinada área de problemas; como tecnologia exige uma circunscrição clara dos problemas sobre os quais vai atuar.

Poderíamos neste ponto pensar em dois caminhos: o da ocupação - atividade - atividade humana e tentar discutir a terapia ocupacional a partir de um dos seus meios, fundamental e riquíssimo,

mas não o único e nem um meio em si mesmo; ou pela discussão acerca da população usuária dos serviços de terapia ocupacional - e não uma população abstrata, os homens em geral - mas uma demanda concreta por serviços e ações terapêutico-ocupacionais em particular e de saúde em geral. Quem é e o que quer essa população no Brasil hoje? Em que medida a terapia ocupacional através dos seus vários agentes vem contribuindo com suas técnicas? Como vem organizando seus procedimentos para resolver os problemas da realidade concreta que se lhe apresenta? De que forma e quanto tem dado voz e ouvido aos sujeitos reais que tem encontrado?

Penso que os terapeutas ocupacionais brasileiros têm dado enfrentamento a questões que lhes foram colocadas historicamente. Faltava conhecimento ao terapeuta ocupacional? Fomos organizar nossos procedimentos, fazer pesquisa, estudar, mudar currículos para dar outras condições aos novos terapeutas ocupacionais. Os problemas estavam nas instituições onde desenvolvíamos nossos serviços, nossas ações? Temos encarado isto atuando, discutindo e implementando experiências alternativas absolutamente criativas dentro do contexto precário da saúde brasileira. Os problemas são estruturais? Precisamos ter uma nova ordenação política econômica que leve à justiça social no Brasil? A atual conjuntura não nos é favorável, mas temos tentado nestes tempos neo-liberais e de um conservadorismo acadêmico e polido, colocar na ordem do dia os problemas do "louco e da pessoa deficiente". Apesar disso, as experiências acima

referidas, muitas de caráter público, isto é, não restritas à necessidade de pagamento privado, aconteceram e estão acontecendo. É delas que esperamos falar nesta IX Semana de Terapia Ocupacional da UFSCar, da terapia ocupacional que está sendo feita e que precisa ser conhecida e discutida.

Esta abordagem, contudo, não parte de uma visão ufanista ou corporativa. As dificuldades têm sido imensas e tenho dúvidas em que medida o terapeuta ocupacional tem pautado suas ações na busca de resolução dos problemas das pessoas que o procuram e quanto seu arsenal técnico, seu conjunto de procedimentos não precisa ser revisitado e revisto frente às necessidades reais que lhe são colocadas em cada Unidade Básica de Saúde, em cada Hospital-Dia, em cada Centro de Convivência, de Reabilitação, ou nas Cooperativas que hoje existem.

É nesse contexto que discutir ações e procedimentos, as técnicas e a própria terapia ocupacional e seus agentes faz sentido.

Um saber que precisa se confrontar com outros, com realidades diversas, complexas, contraditórias, sem encastelar-se no seu reduto de saber e poder, com nomes mais ou menos pomposos, podendo assim dar a sua contribuição num diálogo de sujeitos.